

Sociabilidade urbana de vizinhança: explorando as relações entre perfis espaciais e padrões sociais no bairro. O caso da Vila Tamandaré, Recife - PE

Marta Roca Muñoz^a  e Circe Maria Gama Monteiro^b 

^a Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, INCITI, Recife, PE, Brasil. E-mail: martaroca27@gmail.com.

^b Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, INCITI, Recife, PE, Brasil. E-mail: monteiro.circe@gmail.com.

Submetido em 01 de abril de 2019. Aceito em 30 de julho de 2019.

Resumo. Esta pesquisa traz uma abordagem sobre as qualidades espaciais da cidade e seu efeito sobre a sociabilidade urbana a partir de um estudo de caso de caráter exploratório de uma localidade do Recife-PE, Brasil. Esta cidade vem experimentando uma alta verticalização e adensamento de certas áreas da cidade, o aumento de interfaces fechadas e pouca diversidade de usos do solo. Diante disso nos perguntamos: Até que ponto a configuração espacial pode influenciar nos tipos de encontros entre os indivíduos que levam à sociabilidade urbana? A partir disso, o objetivo desta pesquisa é identificar quais parâmetros morfológicos e sociais de uma vizinhança teriam correlação com uma maior sociabilidade urbana. Para o desenvolvimento se estuda o surgimento de um padrão social através de um questionário sobre sociabilidade urbana, elaborado a partir da teoria das facetas, e se analisam as qualidades espaciais do segmento de rua onde os entrevistados residem, utilizando a metodologia do perfil espacial. Esta investigação pretende desvendar como essas qualidades espaciais e sociais podem rebater na sociabilidade urbana e, desta forma, descrever aqueles aspectos morfológicos necessários para conseguir uma boa qualidade urbana na cidade do Recife.

Palavras-chave. sociabilidade urbana, perfil espacial, padrão social, relações sociais em vizinhanças.

Introdução

O foco deste estudo é a sociabilidade urbana no campo das relações sociais que ocorrem em um bairro residencial em diferentes níveis espaciais, seja nas ruas, nas praças do bairro ou dentro da casa.

Muitas cidades contemporâneas testemunharam o declínio da sociabilidade urbana dos seus cidadãos e, conseqüentemente, a perda de qualidades cívicas, como a gentileza urbana, solidariedade, o cuidado social e segurança natural do espaço público, entre outros. O ideal para a socialização seria, como aponta Caldeira (2011), uma "cidade aberta e tolerante às diferenças sociais e à negociação em encontros anônimos". Se, ao contrário, o

espaço público urbano se torna hostil, pode derivar a menos encontros entre as pessoas, o que gera menos comunicação, comprometimento e costura do tecido social. A transformação positiva da cidade se dá através de processos colaborativos, necessita da existência de organizações associativas e, por isso, é importante entender como construir espaços urbanos que favoreçam o encontro e a sociabilidade entre os indivíduos.

Autores clássicos como Benjamin (1986), Berman (1982), Clark (1984), Harvey (1985), Holston (1989), Jacobs (1961), Rabinow (1989), Schorske (1961), Sennet (1974), Simmel (1903), Vidler (1978), Wirth (1938) e Young (1990) têm analisado vários

aspectos e dimensões da vida urbana nas cidades contemporâneas e chegaram a um consenso, segundo Caldeira (2011), dos elementos básicos para a vida pública nas cidades:

a primazia e a abertura de ruas; a circulação livre; os encontros impessoais e anônimos de pedestres; o uso público e espontâneo de ruas e praças; e a presença de pessoas de diferentes grupos sociais passeando e observando os outros que passam, olhando vitrines, fazendo compras, sentando nos cafés, participando de manifestações políticas, apropriando as ruas para seus festivais e comemorações, ou usando os espaços especialmente designados para o lazer de massas (parques, estádios, locais de exposições). (Caldeira, 2011, p.302-303)

Estudos recentes sobre as contribuições da arquitetura e do urbanismo para uma cidade menos segregada (Netto, 2016; Saboya, Netto e Vargas, 2015; Legeby, 2013) sugerem que a rua e os espaços públicos da cidade são locais de interação entre os cidadãos e onde os processos de reconhecimento do outro são gerados, e que tal interação, quando ocorre, está relacionado às propriedades configuracionais desses espaços públicos. Hanson (2000) destaca a importância do desenho urbano na vida social da cidade para oferecer o potencial dos encontros entre pessoas na rua, buscando arranjos sociais ocasionais e informais e evitar os “arranjos preestabelecidos e formais” (Hanson, 2000, p. 114–115).

Na busca dessas propriedades configuracionais surge a metodologia do perfil espacial de segmentos urbanos (Monteiro, 2010), que descreve o espaço urbano através das qualidades espaciais que o compõem. As mais utilizadas (porém não exclusivas) são a integração – que mede a acessibilidade de uma rua ou segmento de rua em função de sua disposição no conjunto de ruas dentro de uma região específica –, a constituição – quantidade de acessos do segmento urbano que permitem o movimento através –, a diversidade de usos do solo, a interface público-privada e a densidade.

Sociabilidade urbana em vizinhanças

As pessoas estruturam suas vidas, suas atividades cotidianas e interações sociais em diferentes lugares, de acordo com o objetivo proposto e, ao mesmo tempo, o espaço também determina certos tipos de comportamento, estabelecidos pelas regras ditadas pela consciência coletiva.

Existem várias classificações de relações sociais na literatura. No campo das relações sociais individuais, estas podem ser analisadas a partir do tipo de interesse promovido pelas interações entre os usuários. Bruce Kapferer (1959), citado por Monteiro (1989), oferece cinco motivos básicos com base na teoria de que diferentes tipos de transações são aqueles que levam ao estabelecimento de relações e redes sociais. São eles: conversa, diversão, assistência laboral, serviço pessoal e assistência em dinheiro. De acordo com Kapferer qualquer relacionamento pode ser classificado dentro destes cinco motivos, seja para algum tipo de troca de conselhos sobre questões profissionais, em encontros casuais no bairro, em uma amizade ou quaisquer questões de natureza política (Monteiro, 1989).

No estudo sobre a busca de um perfil de sociabilidade em três bairros da cidade de Recife, Monteiro (1989) investigou as definições desses principais estilos de relações sociais perguntando aos indivíduos sobre suas relações sociais reais e, depois de sua análise, os categorizou em: relações de vizinhança casuais, entretenimento social, necessidades pessoais e coletivas.

O senso comum nos diz que as relações entre vizinhos são pelo menos educadas, ou seja, cumprimentam-se, vão às compras juntos, mantêm conversações nas escadas do edifício, vão juntos à igreja ou, simplesmente, se evitam. A proximidade, segundo Monteiro (1989), é um dos aspectos que mais pesa sobre essas relações, uma vez que incentiva a troca de bens básicos, a solicitar ou fazer pequenos favores, a cuidar as plantas quando um vizinho está ausente, entre outros. Existe outro elemento, ligado à proximidade, de grande importância para esse tipo de relacionamento, é o espaço onde eles ocorrem. O espaço compartilhado entre os indivíduos pode ser a causa do tipo de relacionamento estabelecido. Segundo Lopes (2001), a intensidade das relações também está ligada ao tempo de vivência no mesmo

bairro. Vizinhos de mais tempo podem criar laços de amizade ou inimizade, derivados de uma coexistência contínua no mesmo espaço (Lopes, 2001). Mas a proximidade, por mais que facilite o contato e intensifique algumas relações entre vizinhos, não é suficiente para desenvolver uma amizade. Bulmer (1986) classifica esses tipos de encontros por proximidade como "relacionamento informal".

Monteiro (1989) considera que esse tipo de situação é derivado de atividades cotidianas em um contexto residencial, como encontrar pessoas nas ruas, nas lojas ou na escola. A autora argumenta que essa relação "não deve ser considerada um padrão de sociabilidade duradouro" mas, associada a outras condições, pode ser considerada extremamente relevante para a geração de relações sociais mais fortes (Monteiro, 1989, p.198).

As relações informais, aquelas que surgem fruto dos encontros por proximidade (Bulmer, 1986), são de extrema importância para o estudo das relações sociais em um bairro, pois são aquelas que geralmente ocorrem no espaço público e que, dependendo de outros fatores - como o tempo que o indivíduo mora no bairro ou um tipo de configuração espacial que favoreça o encontro de pessoas - elas podem ser transformadas em relações mais profundas, como relações formais (relações com seres conhecidos que buscam um objetivo em comum), de retribuição ou solidariedade (aquelas com intercâmbio de bens ou serviços e que impliquem ajudar ou ser ajudados, segundo Monteiro, 1989) e comunitárias (relações de grupo com interesses em comum).

Como sugerimos, o espaço desempenha um papel importante nas relações sociais. Lopes (2008) faz um estudo das transgressões que ocorrem em diversos condomínios verticais e horizontais do Brasil, principalmente dos "conflitos advindos da ausência de normalizações claras ou de uma conscientização do respeito pelo espaço compartilhado" (Lopes, 2008, p.17) e mostra como os moradores de casas e apartamentos apresentam diferentes experiências de sociabilidade no bairro.

Lopes (2008) mostra que os indivíduos que vivem em condomínios horizontais tendem a interagir mais frequentemente com seus

vizinhos em situações de lazer, como programas de fim de semana, festas de condomínio e atividades com crianças. Por outro lado, aqueles que vivem em apartamentos apresentaram uma maior correlação com atividades que envolvem os funcionários do condomínio, como solicitar serviços ou resolver um problema. Esses moradores também apresentam relações do tipo solidariedade, como ajudar os vizinhos, ou informais, como cumprimentá-los em áreas comuns (Lopes, 2008). Neste artigo analisamos a sociabilidade de vizinhança, ou seja, as relações sociais entre os indivíduos que ocorrem nos diferentes locais de um bairro residencial, com suas diversas características morfológicas e espaciais. Análises recentes em teoria urbana (Netto, et al., 2012; Netto, 2016) baseiam os efeitos do ambiente construído nos valores de copresença no espaço. Mas há casos onde certos espaços têm todas as condições para ter um alto grau de copresença e, por razões desconhecidas, permanecem vazios. O que nos leva a considerar que existem outros fatores e relações a serem estudados, como: variedade de usos, campos visuais, elementos paisagísticos do ambiente construído, ou status social, e aspectos socioeconômicos que podem ajudar a entender esse fenômeno. O padrão de sociabilidade descreve o conjunto de relações sociais presentes na sociedade, Olagnero, Torrioni e Saraceno (2007) comparam padrões e esferas de sociabilidade em diversos países europeus em função de suas culturas. No presente caso, padrão de sociabilidade de vizinhança se refere ao conjunto de interações sociais que ocorrem no espaço residencial do bairro Vila Tamandaré.

Hipótese geral

A morfologia espacial do local de residência, definida por características diversas como integração, permeabilidade da interface público-privada, variedade de uso do solo, constituição e densidade populacional, é vivenciada de forma integrada, influenciando o movimento e a intensidade dos encontros das pessoas no bairro e, portanto, o possível padrão de sociabilidade de vizinhança.

Hipóteses específicas

Os lugares que têm uma maior circulação de pessoas – alta integração espacial e elevada constituição – e com uma alta variedade de

usos favorecem o encontro de indivíduos em espaços públicos e podem intensificar o grau de relação a partir do reconhecimento dessas pessoas, afetando positivamente à sociabilidade urbana;

Os moradores das residências delimitadas por uma interface fechada teriam menos experiências do espaço público, do bairro e das instalações, assim como menor contato com os vizinhos, condicionando negativamente à sociabilidade urbana. Com interfaces fechadas o contato com a rua diminui, assim como as possibilidades de diálogo entre o prédio e a rua e entre moradores e vizinhos;

Os tipos de relação informal (determinantes para a frequência de sociabilidade urbana em bairros) ocorreriam mais perto da residência, por favorecer o encontro entre vizinhos, e dependem de um entorno espacial convidativo, enquanto relações formais se dariam em lugares fora do bairro, o que no caso, a morfologia espacial perde relevância na relação.

Caminhos para o conhecimento

A presente pesquisa é um recorte de uma investigação comparativa de diversos bairros da do Recife, que tinha como objetivo identificar diferentes padrões de sociabilidade e compará-los com o perfil espacial do local de residência de seus moradores. A análise visa correlacionar os aspectos morfológicos e socioeconômicos que possam estar influenciando o padrão de sociabilidade urbana.

A Vila Tamandaré é um pequeno bairro triangular da década de 60, composto de casas, e que se localiza ao lado de um grande conjunto habitacional e de uma via de grande circulação. É um bairro segregado espacialmente, porém com grande vitalidade, o que o torna um caso interessante a ser estudado no meio urbano.

Esta pesquisa se divide em duas linhas de investigação: por um lado, desenvolve um estudo descritivo sobre as qualidades espaciais das localidades da cidade, através da metodologia do perfil espacial (Monteiro, 2010) e, por outro, aplica um questionário aos residentes destas localidades, estruturado através da chamada 'teoria das facetas' (Canter, 1983).

Buscando os padrões de sociabilidade

Um dos métodos mais usados no estudo da sociabilidade urbana é a observação e uso de entrevistas e questionários embora muito utilizados em pesquisas acadêmicas e profissionais são criticados quando a análise dos resultados descreve tendências e frequências e não esclarece as relações entre os elementos estudados e sua significação estatística.

Assim, a aplicação da teoria das facetas desperta interesse, já que permite estruturar o questionário de forma que os dados obtidos possam ser correlacionados facilmente com outras variáveis. Isso é possível porque o questionário é o resultado de uma sentença estruturadora da investigação, que estabelece de modo claro as hipóteses iniciais. A sociabilidade urbana de vizinhança é reconhecida como um fenômeno complexo influenciado por diversos fatores que, de modo isolado, articulado ou cumulativo, é experimentada diferentemente por cada indivíduo. Por isso foi importante contar com uma metodologia que permita englobar e estruturar todas as variáveis escolhidas de forma ordenada e concisa.

A teoria das facetas

A teoria das facetas foi desenvolvida por Louis Guttman (1957) com o objetivo de ajudar aos cientistas sociais a construir teorias estruturais e poder comprová-las empiricamente. Primeiramente, se devem estabelecer teorias sobre as relações entre os conjuntos de elementos estudados, as Facetas. A sentença estruturadora apresenta sobre as relações entre diversas Facetas e determina um mínimo comum para nortear as observações empíricas. A sentença orienta também a formulação do instrumento de pesquisa (entrevista ou questionário) e a escala das respostas (geralmente ordinal). Na etapa de análise, os dados são correlacionados de forma integrada através de análises de escalonamento multidimensional. Nesta investigação se utilizou o SSA (*Smallest Structure Analysis*) que representa os coeficientes de similitude entre variáveis como distâncias entre pontos em um espaço euclidiano. Esta relação entre pontos se interpreta através de hipóteses regionais que validam ou contradizem a relação entre variáveis, mas que representa a estrutura do fenômeno conforme apresentado pelos respondentes.

As facetas e a sentença estruturadora

As facetas devem ser capazes de contemplar todos os aspectos temáticos do assunto.

Existem três tipos de facetas: a população estudada e seu contexto, simbolizada pela letra P; as variáveis concernentes ao tema de pesquisa, quer dizer, o conteúdo em si, representado pela letra C; e a faceta de resposta que avalia os itens das facetas anteriores e se representa pela letra R. Dentro da faceta P buscamos a descrição dos indivíduos e seu entorno imediato. Nas facetas de conteúdo (C) sobre sociabilidade se objetiva saber que contatos sociais fazem (R), com quem (A), onde (N) e com que frequência (DC). Podemos ver a agrupação das variáveis em facetas na figura 1.

Faceta do Domínio de Respostas ou Domínio Comum (DC)

Nesta pesquisa não buscamos aprofundar nas relações sociais em si, mas tratar de entender como estas se reproduzem no espaço entre o âmbito privado e público da vizinhança. Para isso, as respostas de frequência levantam grande interesse, segundo Monteiro (1989), por ser um aspecto facilmente observável, já que não representam nenhum tipo de valor social ou moral. A intensidade de uso e de interações sociais em um espaço urbano tende a classificá-lo como tendo vitalidade, urbanidade e/ou sociabilidade. Desta forma, na faceta de resposta (R), os indivíduos respondem em que frequência realizam certas ações em diversos lugares, a partir da seguinte escala de valoração: nunca, raramente, às vezes, frequentemente, sempre.

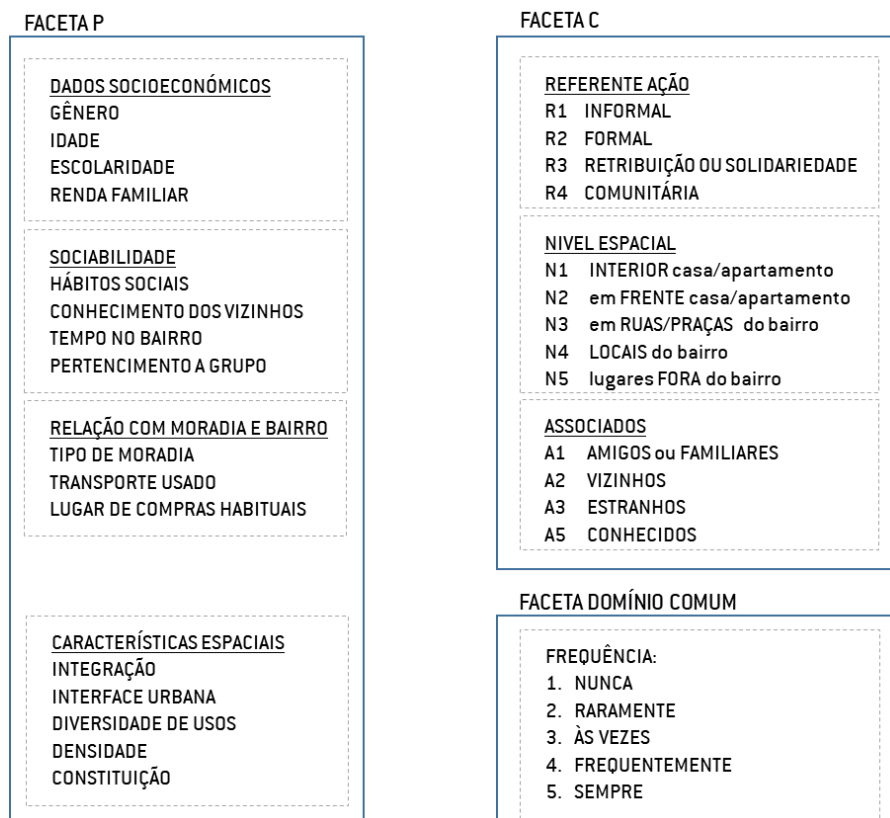


Figura 1. Agrupação de variáveis em facetas (fonte: autoras).

Faceta P: os indivíduos e seu entorno imediato

A segunda faceta faz referência à população a ser estudada, onde nos interessa conhecer os dados socioeconômicos (gênero, idade, grau de escolaridade e renda familiar) para entender em que situação ou ciclo de vida se encontram os indivíduos, assim como seus

hábitos de sociabilidade, a partir das atividades diárias que promovem a comunicação e o intercâmbio entre vizinhos, amigos, familiares, conhecidos e estranhos. É de interesse do estudo conhecer a quantidade de conhecidos do indivíduo no bairro já que o espaço pode estar favorecendo o encontro de vizinhos ao permitir o reconhecimento em lugares habituais, como a padaria, o mercado,

o parque, entre outros. Esse tipo de reconhecimento, segundo Monteiro (1989), poderia tornar uma relação de caráter informal (cumprimentar a alguém conhecido, por exemplo) em uma relação mais profunda.

Também é de interesse saber o tempo de residência na vizinhança, visto que os laços entre vizinhos podem se acentuar com o tempo e formar uma amizade. Da mesma forma, podemos intuir que as pessoas que frequentam algum tipo de organização comunitária podem desenvolver relacionamentos mais profundos. Outros elementos como o modo de deslocamento habitual, a proximidade dos afazeres diários e a frequência de uso do espaço público, podem nos ajudar também a desvendar como se constroem os padrões de sociabilidade de vizinhança.

Por último, precisamos descrever as qualidades espaciais do lugar de residência, tendo sido escolhidas cinco delas (integração, constituição, interface público-privada, densidade e variedade de usos do solo), seguindo a metodologia do perfil espacial, como veremos adiante.

Faceta R: Referente de ação

Esta é uma faceta de conteúdo que define os tipos das diversas relações sociais entre indivíduos em uma vizinhança. Uma das relações sociais mais comuns nas vizinhanças inclui situações nas quais cumprimentamos um vizinho, mantemos algum tipo de conversa com conhecidos seja na parada do ônibus, na padaria ou mesmo no elevador. São relações cordiais do dia a dia e espontâneas, mas não implicam em uma relação mais profunda, portanto, chamamos de relações “informais”.

O segundo elemento dentro desta faceta é o definido pelas ações que geralmente relacionamos com pessoas queridas como amigos ou familiares, quer dizer, aquelas relações que buscam ou envolvem uma ligação maior. Distinguem-se das relações informais porque procuram um objetivo em comum e se planejam para consegui-lo, como por exemplo, combinar com um amigo para ir ao cinema ou compartilhar alguma atividade de lazer. Monteiro (1989) chama este tipo de interações como “relações formais”.

Outro tipo de relações sociais de vizinhança, segundo Monteiro (1989), são aquelas que

procuram ações relacionadas com a retribuição e solidariedade e que estão “orientadas ao intercâmbio recíproco de ajuda, bens, conselhos, companhia ou outro aspecto que impliquem o comprometimento de ajudar e ser ajudado, quando seja necessário” (Monteiro, 1989, p.199).

Por último, temos o grupo de relações “comunitárias”, que são aquelas que procuram um comprometimento com algum grupo, formadas por pessoas com interesses e/ou objetivos em comum. Encontramos este tipo de relações em centros religiosos, aulas e filiações a partidos políticos, entre outros.

Desta forma, a faceta do referente de ação se compõe de quatro elementos: relações informais, formais, de retribuição ou solidariedade e comunitárias.

Faceta N: Nível espacial

Embora as formas de se relacionar socialmente estejam mudando na última década (com a introdução das redes sociais), ainda são necessários os encontros, sejam presenciais ou virtuais, para que as relações se desenvolvam. No estudo da vizinhança nos interessam as diferentes escalas de aproximação espacial até a residência, que vão desde o interior da casa à frente de casa ou apartamento, onde podemos encontrar vizinhos mais próximos, na rua ou praças do bairro, em que aparecem conhecidos e pessoas estranhas. Além dos locais do bairro (supermercados, padarias, instituições religiosas) onde seja possível experimentar diferentes encontros entre amigos, conhecidos e estranhos. Os locais comerciais do bairro são importantes porque podem se tornar lugares onde as pessoas se reconhecem e poderiam passar de estranhas para conhecidas, ou de conhecidas para amigas.

Nesta pesquisa nos interessam aquelas relações sociais que ocorrem na vizinhança, isto quer dizer, nos espaços urbanos adjacentes ao local de moradia visando correlacionar com o perfil espacial do segmento de moradia de cada residente. Desta forma os cinco níveis espaciais são os seguintes: “no interior da casa/apartamento”, “em frente de casa”, na “rua ou praças do bairro”, “locais do bairro” e “fora do bairro”.

Faceta A: Os associados

Este grupo é formado pelos indivíduos que formam parte das relações sociais em uma

vizinhança. Uma das dificuldades encontradas nesse estudo, segundo Monteiro (1989), é os diferentes entendimentos ou concepções dos associados. Estudos latino-americanos revelam que em bairros informais os conceitos de amigos, vizinho e familiar costumam se misturar, já que muitas vezes os próprios vizinhos são, ao mesmo tempo, familiares e, muitas vezes, também se tornam amigos.

Esses termos também são duvidosos na vizinhança da Vila Tamandaré (localidade de Recife-PE), onde se detectou, no momento de aplicação do questionário, que os indivíduos somente consideravam os vizinhos aquelas pessoas que moravam nas casas adjacentes ou até a esquina da própria rua e, a partir desses limites, já se consideravam conhecidos.

Além dos amigos, familiares, vizinhos e conhecidos, tem um último grupo bem interessante que são os estranhos. Estas pessoas formam parte do nosso dia a dia, nos relacionamos, mesmo que indiretamente, em situações cotidianas quando vamos ao mercado, à praça, à uma festa ou balada, entre outros. Podem ser pessoas do mesmo bairro, mas não são rostos conhecidos.

Resumindo, podemos classificar a Faceta dos Associados com quatro elementos: “amigos e familiares”, “vizinhos”, “conhecidos” e “estranhos” para poder abarcar a maioria de indivíduos com possibilidades de contatos sociais dentro de um bairro residencial.

A partir da definição das facetas podemos construir a sentença estruturadora que norteará o estudo do padrão de sociabilidade urbana desta pesquisa.

Sentença estruturadora:

Uma vez que as facetas são definidas podemos formar a sentença estruturadora (ver figura 2). Vamos medir a intensidade das interações sociais (referente de ação - R1-R4) entre pessoas de acordo com o grau de conhecimento entre eles (associados: A1-A5) e o lugar onde elas ocorrem (nível espacial: N1-N5). Através destas três facetas - referente de ação, associados e nível espacial - podemos medir o grau de sociabilidade e cruzá-lo com as variáveis morfológicas - interface público-privado, constituição, integração, densidade e diversidade de usos do solo. Além de relacioná-lo também com as variáveis socioeconômicas, dados demográficos e hábitos sociais (faceta P).

Com que frequência a pessoa(x)

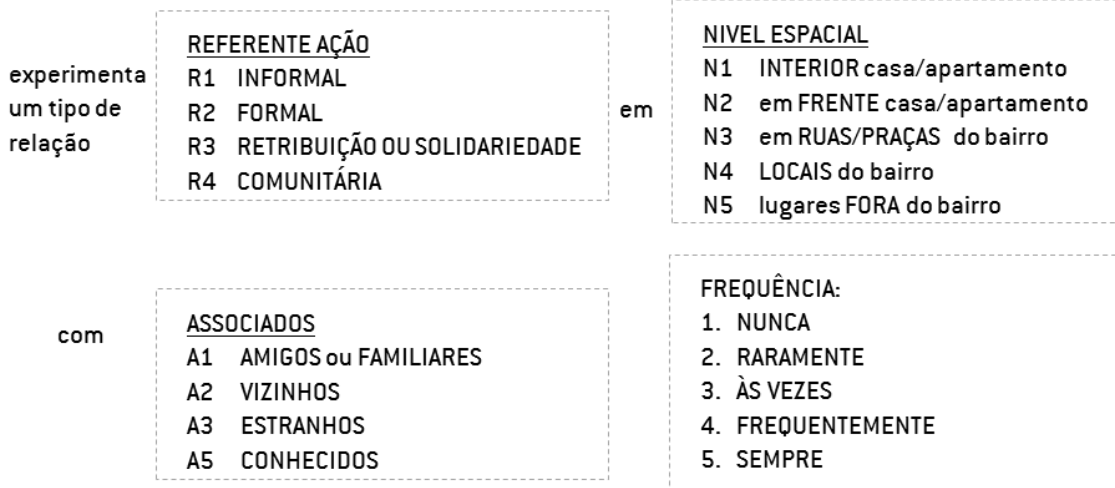


Figura 2. Sentença estruturadora (fonte: autoras).

A sentença estruturadora permite elaborar arranjos combinatórios 3:5:4 entre elementos de cada faceta até formular perguntas viáveis que representam todas as possibilidades. O quadro 1 apresenta perguntas resultantes sobre sociabilidade.

Além destas questões (faceta de conteúdo), houve um bloco com perguntas sobre o

indivíduo (variáveis facetas P). O questionário foi aplicado através do *Google Form* e responderam 24 pessoas da Vila Tamandaré (19 presenciais e 5 online). O tamanho da amostra se justifica face a saturação das respostas devido a experiência semelhante dos entrevistados no bairro e portanto sendo a amostra suficiente para a análise.

Quadro 1. Perguntas resultantes da combinação de facetas (fonte: autoras).

Nº	Códigos	Perguntas
p.01	R1A1N3	Encontra amigos nas ruas ou praças do bairro
p.02	R1A1N3_2	Sai a caminhar pelo bairro e encontra algum amigo
p.03	R1A1N4	Quando vai a um local comercial do bairro você encontra algum amigo
p.04	R1A1N5	Encontra casualmente algum amigo em espaços públicos da cidade quando sai para andar ou passear
p.05	R1A2N2	Cumprimenta os vizinhos quando passam em frente de casa
p.06	R1A2N2_2	Quando encontra um vizinho na frente de casa, procura saber se tudo está bem
p.07	R1A2N3	Cumprimenta os vizinhos quando os encontra na rua
p.08	R1A2N4	Encontra um vizinho em algum comércio do bairro e o cumprimenta
p.09	R1A3N2	Fica de olho em alguém que não conhece e está na frente da sua casa
p.10	R1A3N3	Cumprimenta alguém da parada do ônibus
p.11	R1A5N4	Reconhece as pessoas que frequentam a padaria ou o mercado e os cumprimenta
p.12	R1A5N5	Cumprimenta um conhecido quando o encontra pela cidade
p.13	R1N3	Cumprimenta a alguém que passa pela rua no seu bairro
p.14	R2A1N1	Recebe amigos em sua casa para uma pequena festa, aniversário ou bate papo
p.15	R2A1N2	Fica conversando com os amigos na frente de casa
p.16	R2A1N4	Marca com os amigos para se encontrar em algum lugar do bairro (bar, restaurante...)
p.17	R2A1N5	Marca para sair com amigos em algum lugar fora do bairro como ir ao cinema, ou fazer algum esporte.
p.18	R2A1N5_2	Vai com os amigos ou familiares passear em algum lugar, como um parque ou praça um pouco mais longe da sua casa
p.19	R2A2N1	Vai visitar um vizinho na casa dele ou o recebe na sua casa
p.20	R2A2N2	Procura saber as novidades das redondezas com os vizinhos
p.21	R2A2N3	Vai fazer algum exercício ou caminhar com vizinhos pelo bairro
p.22	R2A2N5	Marca com um vizinho para ir ao shopping
p.23	R2A3N3	Conversa com alguém que acabou de conhecer na rua ou praça
p.24	R2A3N3_2	Conversa com alguém que está passeando o cachorro
p.25	R2A3N4	Estabelece uma conversa com um desconhecido num bar ou balada do bairro
p.26	R2A3N4_2	Alguém que você não conhece fica conversando com você em algum comércio do bairro
p.27	R2A3N5	Você vai a uma festa e dança com desconhecidos
p.28	R2N4	Organiza um encontro ou festa em um local de festas no bairro
p.29	R3A2	Ajuda a uma vizinha com as sacolas da feira
p.30	R3A2N1	Pede a um vizinho que cuide dos seus filhos enquanto você sai
p.31	R3A2N1_2	Pede para alguma vizinha cuidar de alguma planta ou animal na sua casa enquanto você está fora
p.32	R3A2N2	Espera um vizinho que está chegando a entrar para que ele se sinta mais seguro
p.33	R3A2N2_2	Fica de olho quando o vizinho está estacionando o carro
p.34	R3A2N4	Aproveita que vai fazer a feira e compra alguns itens para o vizinho
p.35	R3A2N5	Acompanha a um vizinho ao consultório médico ou algum outro lugar pela cidade

Quadro 1. Perguntas resultantes da combinação de facetas (fonte: autoras). (cont.)

Nº	Códigos	Perguntas
p.36	R3A3N2	Aparece alguém que você não conhece pedindo uma ajuda ou alguma coisa na porta da sua casa
p.37	R3A3N3	Ajuda um estranho a atravessar a rua
p.38	R3A3N3_2	Pede informação a alguém que passa pela rua
p.39	R3A3N3_3	Pergunta a alguém da rua como chegar a algum lugar que você não conhece
p.40	R3A3N4	Vende ou compra produtos na feira do bairro
p.41	R3A5N4	Pede uma informação a um comerciante do bairro
p.42	R3N1	Costuma ir à casa de alguém no bairro para ajudar em alguma coisa
p.43	R3N1_2	Pede para alguém cuidar de sua casa enquanto você está fora
p.44	R3N4	Se organiza com outras pessoas para melhorar a condição do bairro
p.45	R3N4_2	Prefere fazer compras em pequenos estabelecimentos na região
p.46	R4A2N1	Se junta com os vizinhos na sua casa para preparar algum enfeite, fantasias ou outros para algum evento, festa, etc.
p.47	R4A2N2	Participa de uma reunião de vizinhos para discutir algum item que afeta a todos
p.48	R4A2N3	Participa de algum evento ou festa do bairro
p.49	R4A3N3	Você participa de alguma atividade esportiva com pessoas que não conhece em algum parque, praia ou rua

Buscando o Perfil espacial urbano

O segundo grande bloco desta pesquisa parte para a descrição das qualidades espaciais urbanas, através da metodologia do “Perfil Espacial Urbano” ou “Perfil Espacial de Segmentos Urbanos”. Este tipo de perfil tem como finalidade descrever complexidades dos lugares que podem ser associadas aos comportamentos, e inclusive chegar a prever certas condições espaciais que poderiam estar influenciando determinadas condutas ou fenômenos.

Para configurar nosso perfil espacial urbano devemos escolher quais vão ser os elementos que o compõem e a ordem que definirá os componentes dentro do sistema. Cada um dos elementos será representado por um valor em uma escala de *Likert* de 1 a 5, onde o 1 identifica o valor mais baixo (avaliação negativa) e o 5 o valor mais alto (avaliação positiva). Desta forma o perfil espacial se define por um código formado pela qualificação de seus elementos e, através deste ordenamento, possibilitando compreender o efeito do conjunto de todas as variáveis sobre o fenômeno estudado.

Existem diversos elementos que podem compor um perfil espacial. Nesta pesquisa usamos como base os elementos que compõem o perfil espacial de crimes urbanos (estudo de Monteiro e Cavalcanti, 2017), seguindo a hipótese de que os espaços que se consideram seguros - com baixa incidência de crimes - poderiam estar ao reverso, favorecendo as relações de sociabilidade no espaço urbano. Desta forma, consideramos os seguintes elementos: integração local, interface público-privada, densidade demográfica, diversidade de usos e constituição.

Para poder analisar o perfil de sociabilidade urbana com relação ao perfil espacial dos segmentos, seguimos os seguintes procedimentos:

- Sistematização dos indivíduos da amostra com relação ao segmento da rua onde residem;
- Recolecção e georreferenciamento dos dados do questionário a partir do lugar de residência de cada indivíduo (endereço solicitado no questionário);

- Elaboração e análise do mapa de segmento com base no mapa axial de Recife para obter informações de integração e longitude dos segmentos estudados;
- Construção do perfil espacial dos segmentos urbanos a partir dos dados do segmento (integração local e longitude) e das parcelas (interface, usos, constituição e densidade);
- Análise estatística de correlações bivariadas e multidimensionais (SSA) dos dados obtidos do questionário e do perfil espacial.

Vejam agora a construção e sistematização dos elementos selecionados do perfil espacial:

Integração

O valor da integração (Hillier e Hanson, 1984) nos permite quantificar o grau de acessibilidade relativa de um espaço. Realizamos a análise axial para raio n para a integração global e raio 3 para o local (tabela 1). A partir do mapa axial, criamos o mapa do segmento, que nos dará o resultado da integração local, de raio $n = 3$, para cada segmento analisado. Para este estudo, escolhemos o tipo de integração topológica, uma vez que estamos interessados em compreender o tipo de movimento de pedestres em um nível mais local e de vizinhança.

Tabela 1. Classificação valor integração por segmentos para perfil espacial (fonte: autoras).

Valor de integração local R3 (x)	Valor integração local para Perfil Espacial
$2.35 \leq x < 7.88$	(fora do âmbito de estudo)
$7.88 \leq x < 14.06$	1
$14.06 \leq x < 20.24$	2
$20.24 \leq x < 26.42$	3
$26.42 \leq x < 32.60$	4
$32.60 \leq x < 38.78$	5
$38.778 \leq x \leq 72.25$	(fora do âmbito de estudo)

Obs: Os valores 2.35 e 72.25 indicam o valor mínimo e máximo de integração local ($n=3$) por segmento de Recife. A classificação de 1 a 5 é relativa à normalização do mapa axial englobando quatro áreas estudadas na pesquisa. Vila Tamandaré, comparativamente, encontra níveis de valores de integração médios de linhas axiais.

Interface

Para definir o valor da interface, utilizou-se a classificação utilizada no Perfil Espacial dos Segmentos Urbanos (Monteiro e Cavalcanti, 2017), que divide o tipo de interface em cinco categorias: fechada, parcialmente fechada, mutável, transparente e aberta. O critério para a classificação numérica usada no perfil espacial é determinado pela porcentagem de interfaces fechadas ou parcialmente fechadas no comprimento total

do segmento. Por exemplo, em um segmento de quadra de 100m de comprimento, devemos contar os dois lados do segmento, o que adicionaria 200m lineares. Se nesse segmento tivéssemos 200m de interface linear fechada ou parcialmente fechada, ou seja, 100% do segmento, consideraríamos que essa interface tem um valor de “1” dentro de nossa classificação. Se a soma da interface fechada ou parcialmente fechada for de 80%, consideramos um valor de “2” e assim por diante, como mostra a tabela 2.

Tabela 2. Classificação valor interface por segmentos para perfil espacial (fonte: autoras com base nos valores preestabelecidos por Cavalcanti, 2013).

Percentual do somatório de metros lineares de interfaces fechadas ou parcialmente fechadas do segmento	Valor de interface para Perfil Espacial
$80\% \leq x < 100\%$	1
$60\% \leq x < 80\%$	2
$40\% \leq x < 60\%$	3
$20\% \leq x < 40\%$	4
$0\% \leq x < 20\%$	5

Constituição

Constituição se refere ao número de acessos entre o espaço privado e o espaço público em uma quadra. Para a classificação da constituição dos segmentos também seguimos os critérios estabelecidos pelo perfil espacial dos segmentos urbanos (tabela 3). Partimos da base de que os lotes padronizados do Recife têm uma média de 15m de comprimento nos limites frontais e dois acessos, sendo um para pedestres e outro para entrada de carros. Usando o mesmo exemplo do ponto anterior, se considerarmos um segmento de 100m de comprimento de eixo, teríamos um total de 200 metros lineares de limites frontais. Para encontrar o número médio de acessos por metro linear, dividimos os 2 acessos entre os 15m da fronteira, dando um valor de 0,1333

constituições por metro e 0,2666 constituições por metro linear no eixo do segmento (contando os dois lados do segmento). Dessa forma, teríamos 27 constituições a cada 100m.

Densidade

A avaliação da densidade dos segmentos urbanos foi utilizada como base para o censo demográfico preliminar de 2010 do IBGE da cidade do Recife, disponível no site <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>. Nesse site é possível determinar a quantidade de intervalos demográficos desejados (no nosso caso 5) e mostrar os diferentes setores classificados por uma escala de densidade demográfica, como mostra a tabela 4.

Tabela 3. Classificação valor constituição para perfil espacial (fonte: autoras com base nos valores preestabelecidos por Cavalcanti, 2013).

Número de acessos por metro linear de segmento	Valor de constituição para o Perfil Espacial
$0 \leq x < 0,054$	1
$0,054 \leq x < 0,108$	2
$0,108 \leq x < 0,162$	3
$0,162 \leq x < 0,216$	4
$0,216 \leq x$	5

Tabela 4. Classificação valor densidade para perfil espacial (fonte: autoras utilizando como base informações do censo demográfico de 2010 de IBGE).

Densidade demográfica de habitantes/km ²	Valor de densidade para o Perfil Espacial
$0 \leq x < 9664.36$	1
$9664.36 \leq x < 14399.08$	2
$14399.08 \leq x < 19743.37$	3
$19743.37 \leq x < 28559.82$	4
$28559.82 \leq x < 187430.85$	5

Variedade de usos do solo

Para definir a variedade de usos do solo, precisamos primeiro saber que tipo de uso cada parcela apresenta. Para isso, foram estabelecidas as seguintes categorias: residencial, serviços (clínicas, escritórios, mecânicos, laboratórios etc.), comércio (lojas, supermercados, padarias, floristas etc.), instalações públicas (escolas, edifícios religiosos, edifícios governamentais, etc, uso misto (combinação de dois ou mais usos) e

espaços livres (parques, praças, fronteira marítima etc.)

O grande desafio deste elemento do Perfil Espacial reside em como quantificar a variedade de usos do solo para nos ajudar a descrever a vitalidade urbana, isto é, analisar os diferentes efeitos que podem derivar da combinação dos diferentes tipos de uso do solo, considerando que as diferentes categorias geralmente têm movimentos de pessoas em diferentes momentos do dia.

Monteiro e Cavalcanti (2017) estabeleceram um sistema de avaliação baseado nos tipos de combinações de usos e sua probabilidade de gerar mais ou menos vitalidade urbana, considerando a superposição de horários de pico de cada tipo de uso. Desta matriz obtém-se um valor de 1 a 5, considerando 1 como “não há variedade de uso do solo”, ou seja, com uma única categoria de uso do solo, o que supostamente leva a um grande movimento de pessoas em certas horas do dia e um vácuo em outros momentos que, segundo os autores, poderiam influenciar a vulnerabilidade do espaço. Dessa forma, as autoras estabeleceram os critérios de avaliação com base na variação dos fluxos de pessoas durante o dia, dependendo do tipo de uso da parcela, levando em consideração que:

- O uso residencial pode ter fluxo de pessoas ao longo do dia;
- O uso comercial tende a ter horas fixas, por isso tem um fluxo intenso apenas em determinados momentos do dia;
- Tanto o uso de serviços quanto o uso de equipamentos públicos apresentam horários diferentes dependendo do tipo de serviço ou instituição, podendo, portanto, apresentar altos movimentos de pessoas em diferentes momentos.
- As áreas livres podem apresentar diferentes fluxos de pessoas durante o dia, uma vez que geralmente estão abertas durante todo o dia e noite (com exceção de algumas praças e jardins que são cercados) (Monteiro e Cavalcanti, 2017).
- A partir dos diferentes fluxos de pessoas - para cada tipo de uso - Monteiro e Cavalcanti (2017) estabeleceram que:
 - Nos segmentos que possuem apenas um tipo de uso, considera-se um valor de 1, considerado como “sem variedade”;
 - No caso de combinações de dois tipos de uso, considera-se que os valores oscilam entre 2 e 3 dependendo da combinação de usos. A combinação de qualquer uso com o de comércio - com cronogramas rígidos - será considerada 2, enquanto as combinações entre os usos restantes - com horários mais flexíveis - terão um valor de 3;
 - Quando se trata de três usos diferentes, o valor varia entre 3 e 4. No caso de combinações de usos não residenciais, seu valor será 3;
 - Se houver uso residencial no segmento e outros dois usos diferentes, o valor será 4;
 - Nos segmentos com quatro usos diferentes, o mesmo relacionamento se aplica como nos três: quando não há uso residencial, o valor é 4 e quando há, 5 é considerado;
 - Finalmente, nos segmentos que coexistem cinco ou mais usos diferentes, o valor final será 5.

Perfil Espacial da Vila Tamandaré

A Vila Tamandaré é uma localidade na cidade de Recife localizada dentro do bairro de Areias, na Região Político Administrativa 5 (RPA 5).

A estrutura social do bairro de Areias é caracterizada por uma população com um rendimento nominal médio mensal de R\$ 1.941,97 e uma média de 3,3 pessoas por domicílio. A proporção de mulheres responsáveis por domicílio é de 48,68% (dados do censo de 2010 do IBGE).

A figura 3 mostra o mapa axial de segmentos da localidade. Segundo a teoria urbana, com base nos resultados de valores baixos e médios de integração local, a Vila Tamandaré não deveria apresentar um grande fluxo de pessoas passando pelo bairro, fato que contraria a realidade da localidade. A localidade é caracterizada por ter uma alta vitalidade urbana durante o dia, em parte por ter um eixo comercial bem forte que alimenta não somente aos vizinhos da vila quanto aos moradores do grande conjunto habitacional Ignez Andreazza (situado à esquerda da vila). Também se caracteriza por ser um lugar onde a maioria dos vizinhos se conhece e onde seus moradores levam suas cadeiras para a rua para conversar. A tabela 5 mostra outras qualidades do perfil espacial que poderiam estar influenciando a alta movimentação de pessoas que podem ser observadas na localidade.

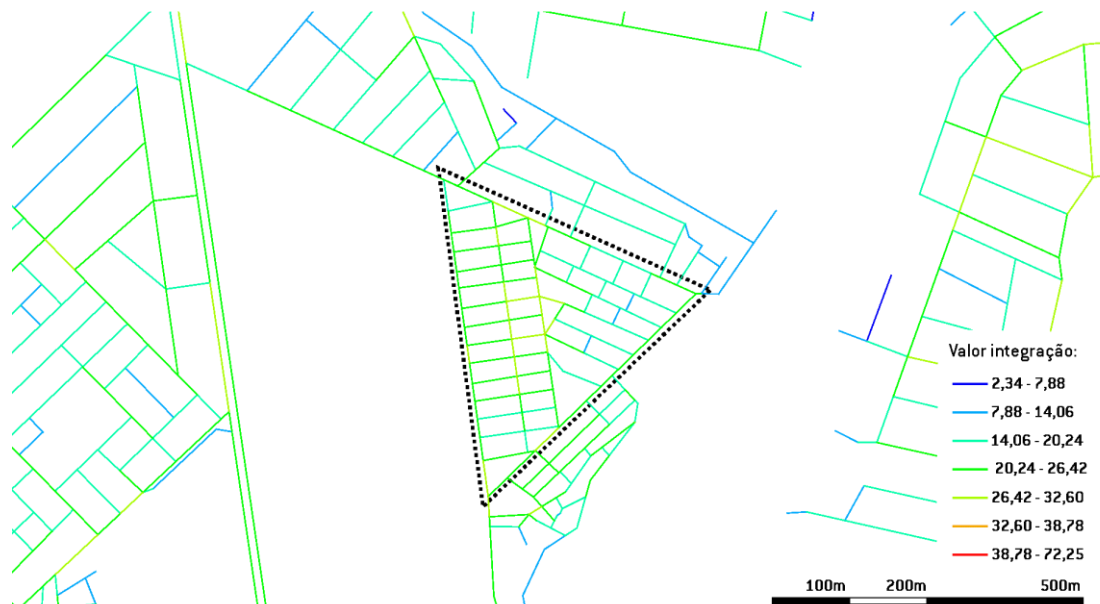


Figura 3. Mapa de segmentos com integração local Vila Tamandaré. Recorte do mapa axial da região das áreas estudadas na pesquisa original. Vila Tamandaré apresenta valores médios de integração local. Ver Tabela 1 para maiores esclarecimentos (fonte: autoras).

Tabela 5. Perfil espacial Vila Tamandaré (fonte: autoras).

valores	Usos		Constituição		Densidade		Integração		Interface	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1	3	13.0	0	0	0	0	0	0	20	87.0
2	5	21.7	1	4.3	1	4.3	2	8.7	1	4.3
3	2	8.7	1	4.3	22	95.7	20	87.0	2	8.7
4	3	13.0	2	8.7	0	0	1	4.3	0	0
5	10	43.5	19	82.6	0	0	0	0	0	0

Os valores de 1 a 5 são valores normalizados que indicam maior ou menor ocorrência de cada qualidade espacial, sendo o 1 o valor mais baixo e o 5 o mais alto. O valor n determina o número de segmentos analisados de cada categoria em função do valor resultante.

Com base nos resultados obtidos a partir do perfil espacial, pode-se observar que na Vila Tamandaré há uma homogeneidade na tipologia do segmento urbano, que se caracteriza por ter uma constituição muito alta, ou seja, um elevado número de acessos aos edifícios, seguido para uma alta diversidade de usos, uma densidade populacional média, uma integração local topológica média e interfaces completamente fechadas para a rua. A priori, os dados

mostram resultados interessantes, uma vez que contradizem a hipótese inicial de que interfaces abertas tenderiam a promover mais movimento nas ruas e, portanto, favorecer a sociabilidade urbana. Por outro lado, a constituição e diversidade de usos, mostram resultados muito positivos em relação à teoria urbana, o que indica que quanto mais diversidade de uso e mais movimento através (constituição), maior a possibilidade de se obter maior vitalidade urbana.

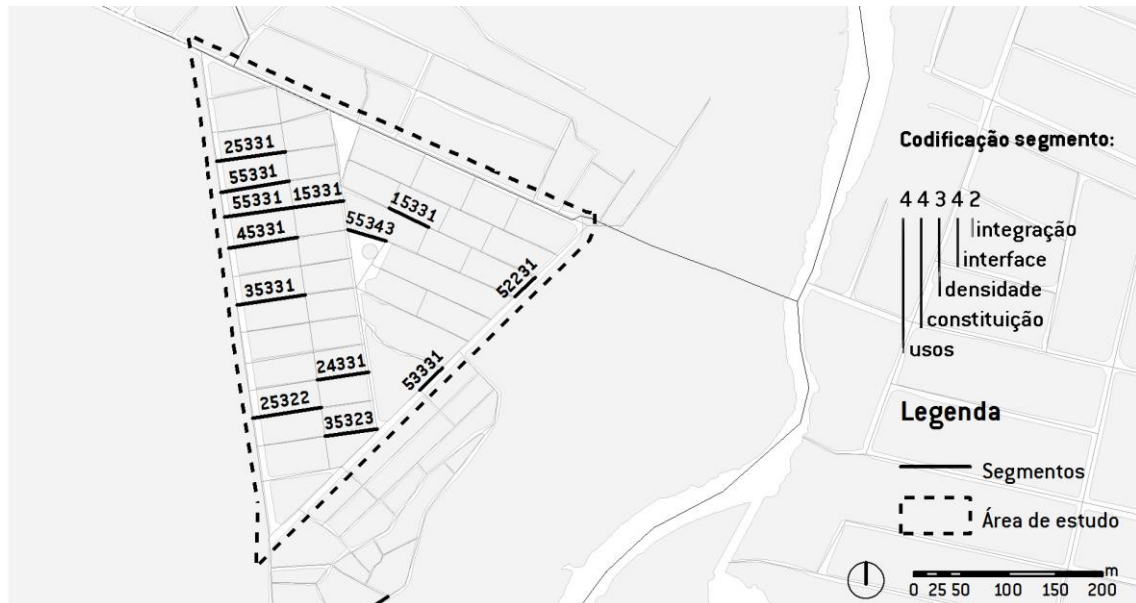


Figura 4. Codificação segmentos perfil espacial Vila Tamandaré (fonte: autoras)

Análise do Perfil Social a partir do SSA

Para poder analisar o resultado do questionário, realizado através da Teoria das Facetas, usamos um tipo de análise de escalonamento multidimensional, o SSA (*Smallest Structure Analysis*), que distribui todas as variáveis em forma de pontos em um espaço euclidiano e as agrupa em função de uma maior correlação ou similaridade. Para facilitar a leitura das projeções (em 3D), se observa o espaço euclidiano através de suas projeções nos eixos x,y e z e se escolhe aquela que possa explicar melhor o agrupamento de variáveis.

A proximidade entre os pontos deveria formar uma região em que se identifica uma

faceta. Para poder analisar as projeções, deve-se identificar aqueles elementos que compõem a faceta e analisar cada faceta em separado para descobrir sua estrutura. Desta forma, se temos uma variável composta por três facetas (RIA1N1 - ver códigos no questionário), devemos estudar as projeções das facetas R, A e N e buscar o tipo de estrutura que os pontos formam entre si - regularidade, agrupamento ou separação - para definir a natureza do fenômeno.

Para isso, existem as hipóteses regionais (figura 5) que ajudam a explicar as estruturas de pontos no espaço euclidiano.

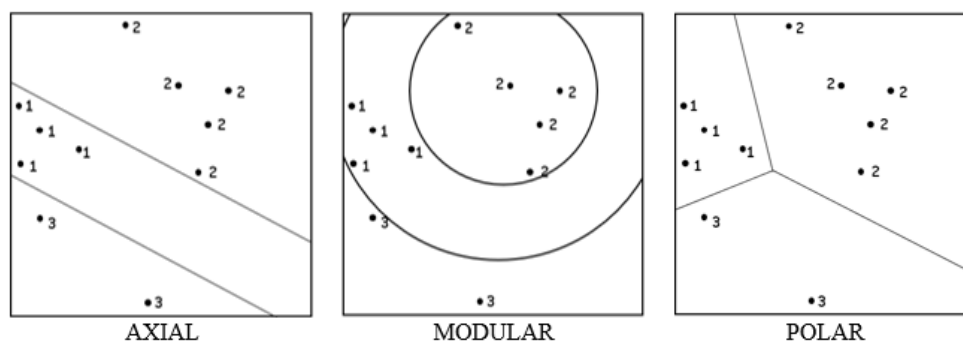


Figura 5. Tipos de regiões (fonte: autoras).

A partição do espaço de tipo axial identifica um análise quantitativa que dispõe as regiões de forma hierárquica. O Modular é um análise quantitativa que estabelece uma diferença hierárquica em forma de círculos

concêntricos, sendo o grupo central predominante sobre os externos. O polar é um tipo de análise qualitativa em que as regiões não apresentam hierarquias entre elas.

Perfil Social Vila Tamandaré

A Figura 6 é o resultado de uma projeção tridimensional representada no eixo x-2, y-1 mostrando uma distribuição de pontos que correspondem a cada questão do questionário de sociabilidade. Para a análise da faceta do Referente de Ação se classificam os diferentes elementos - informal, formal, retribuição ou solidariedade e comunitária - a partir de uma escala de cores e símbolos.

Na projeção podemos ver uma distribuição das diferentes variáveis que nos permite sugerir uma estrutura regional do tipo polar, o que sugere que as diferentes regiões se distinguem qualitativamente. Desta forma, esta distribuição nos diz que não haveria hierarquia entre as facetas do referente de ação. Nesta projeção, podemos ver que existem 4 tipos de relações sociais encontradas na localidade, um pouco diferentes das inicialmente sugeridas. Há uma região caracterizada principalmente por ações que descrevem uma relação informal no quadrante superior esquerdo. Seguindo o sentido horário surge outra região formada por relações de retribuição ou solidariedade. Na parte inferior da projeção existe uma região composta de relações de tipo formal, principalmente, e de tipo comunitário e informal; e, finalmente, existe um grupo formado por relações de retribuição e com algum traço de relações informais. No entanto, a região central da projeção é um pouco vazia, sendo composta tanto de ações de sociabilidade informais quanto formais. Curiosamente, a maioria das ações de retribuição ou de solidariedade em relação à vizinhança (p.44, p.45) são periféricos e, portanto, não caracterizam a experiência na vizinhança, já que os pontos encontrados no centro tendem a ser os mais correlacionados entre si, aqueles que têm mais força dentro do grupo, enquanto os mais distantes são aqueles que possuem menor peso no fenômeno estudado.

A partir da disposição de variáveis que formam a hipótese regional, são identificadas algumas variáveis que seriam interpretadas de maneira diferente da inicialmente proposta. Pode-se ver que na terceira região (Formal + Comunitária) se encontram

algumas variáveis de retribuição, tais como ajudar vizinhos com sacolas de compras (p.29) ou comprar alguma coisa para eles (p.34), fazer de babá entre vizinhos (p.30) ou ajudar um vizinho na sua casa (p.42). Essas quatro variáveis seriam entendidas como formais ou comunitárias na Vila Tamandaré. Também ocupam esta região, variáveis originalmente descritas como informais, tais como encontrar amigos na vizinhança (p.01, p.02) ou na cidade (p.04) e cumprimentar conhecidos quando encontrados fora do bairro (p.12). Essas ações também foram consideradas como formais

Finalmente, a quarta região é composta de ações de retribuição e duas variáveis de relações informais, como cumprimentar vizinhos em frente à casa e ficar de olho nas pessoas desconhecidas que passam na frente de casa. A segunda variável pode entrar perfeitamente como uma ação de retribuição, uma vez que busca a segurança da vizinhança controlando visualmente os estranhos.

Na Figura 7 podemos ver a projeção no eixo x e y dos associados. Identifica-se uma estrutura regional de tipo axial, formada por três grupos. No quadrante superior direito estão os vizinhos e os estranhos, seguidos pelos vizinhos e, por fim, no quadrante inferior esquerdo, os amigos. Este tipo de hipótese indica que existe uma certa hierarquia entre as diferentes regiões. No quadrante superior direito está localizado o conjunto de variáveis que representam vizinhos e estranhos, formado principalmente por pessoas desconhecidas, vizinhos, alguns amigos e alguns conhecidos. Neste grupo, os vizinhos seriam aqueles considerados menos próximos. Na Vila Tamandaré, segundo os entrevistados, a definição de vizinho é limitada a pessoas que moram nas casas adjacentes ou em frente à sua residência e a partir da esquina da rua, eles já os consideram conhecidos. Seria provável que este grupo de vizinhos fosse entendido como conhecido de acordo com a definição anterior. Nessa mesma região, encontramos dois grupos de amigos: o primeiro é composto pelas variáveis p.03 e p.14, ou seja, encontrar amigos ou ter uma festa em algum local do bairro. Pode-se interpretar que as ações realizadas nas instalações comerciais

tendem a envolver vizinhos (já que são da vizinhança) e/ou estranhos. O segundo grupo de associados amigos desta região é identificado como um *outlier* formado por

duas variáveis: p.16 (encontro com amigos em um bar ou restaurante da vizinhança) e p.15 (conversando com amigos na frente da casa).

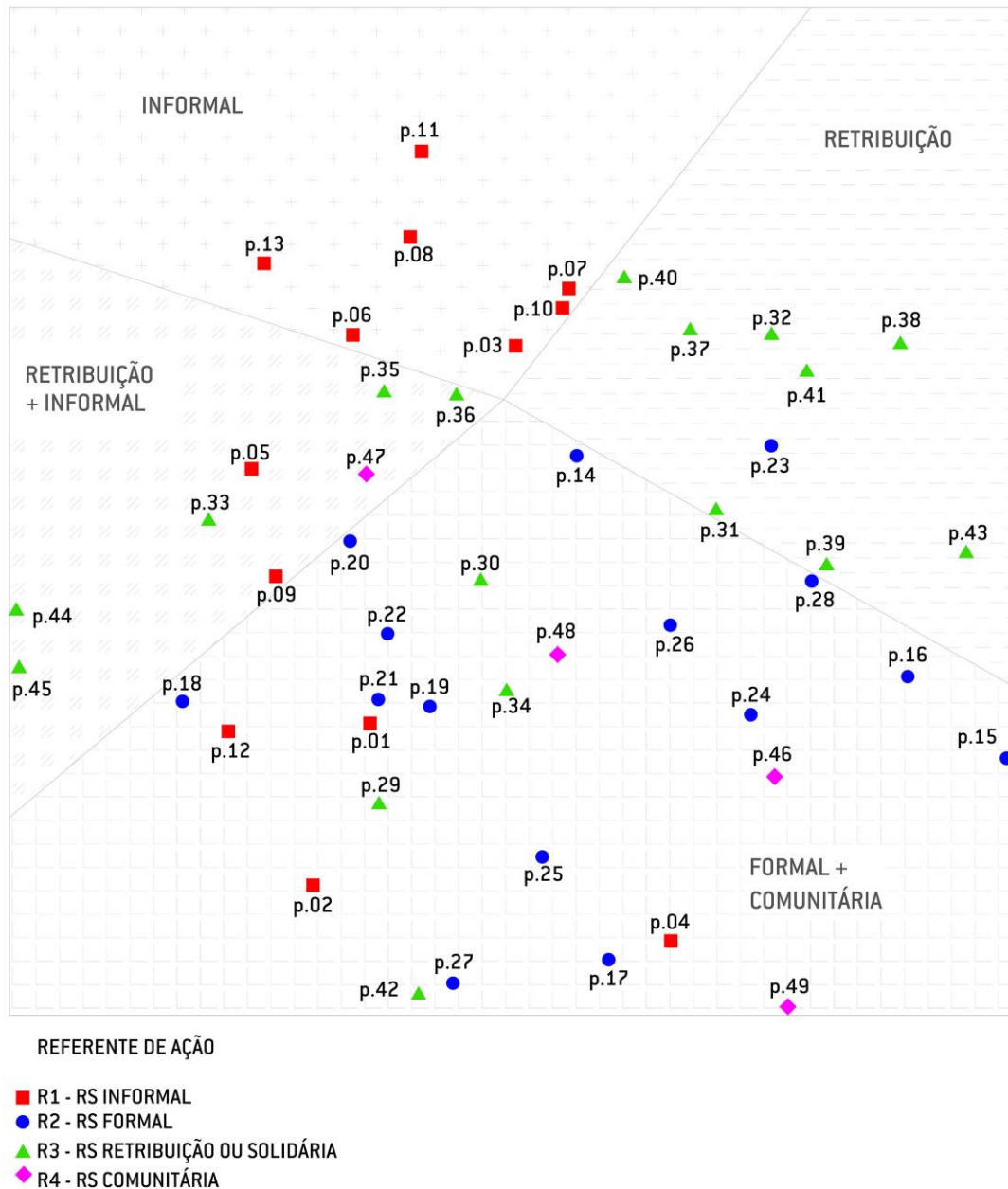


Figura 6. Projeção de SSA 3D (2-3) para Referente de Ação em Vila Tamandaré. Cada ponto corresponde a uma pergunta do questionário (ver quadro 1). A nuvem de pontos se encontra em 3 dimensões e se analisam suas três projeções nos eixos x,y,z. Destes se escolhe a projeção que melhor representa o resultado final, nesse caso o eixo 2-3, correspondente à projeção dos eixos y,z (fonte: autoras).

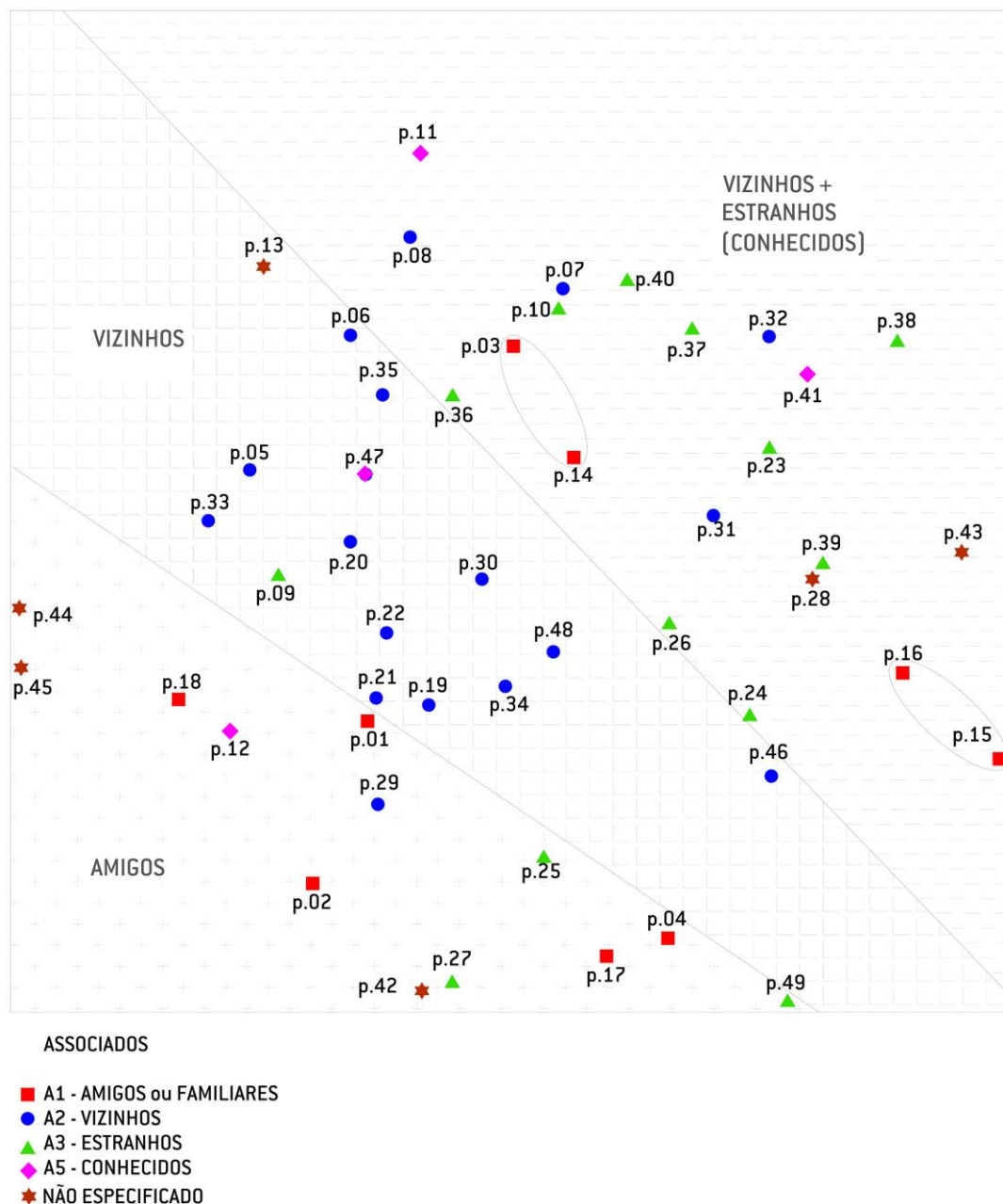


Figura 7. Projeção de SSA 3D (2-3) para Associados na Vila Tamandaré (fonte: autoras). Cada ponto corresponde a uma pergunta do questionário (ver quadro 1). A nuvem de pontos se encontra em 3 dimensões e se analisam suas três projeções nos eixos x,y,z. Destes se escolhe a projeção que melhor representa o resultado final, nesse caso o eixo 2-3, correspondente à projeção dos eixos y,z. (fonte: autoras).

Na segunda região, caracterizada por vizinhos, está a variável p.09, referindo-se à observação de pessoas desconhecidas que estão em frente à casa, que inicialmente estava no grupo de estranhos, mas seriam incorporadas ao grupo de vizinhos, sendo um deles ação de protecionismo do bairro e entendida como um comportamento entre pessoas mais próximas.

Na região dos amigos observamos as variáveis p.25 e p.27 que se referem a

conversar e/ou dançar com estranhos em um bar da vizinhança. Deduzimos que seria um perfil social extrovertido, que transformaria rapidamente um estranho em amigo em um ambiente controlado e, sendo a Vila Tamandaré uma pequena localidade onde a maioria dos vizinhos é conhecida, isso poderia indicar que seus moradores se sentem seguros em estabelecer um relacionamento com um estranho em um local do bairro.

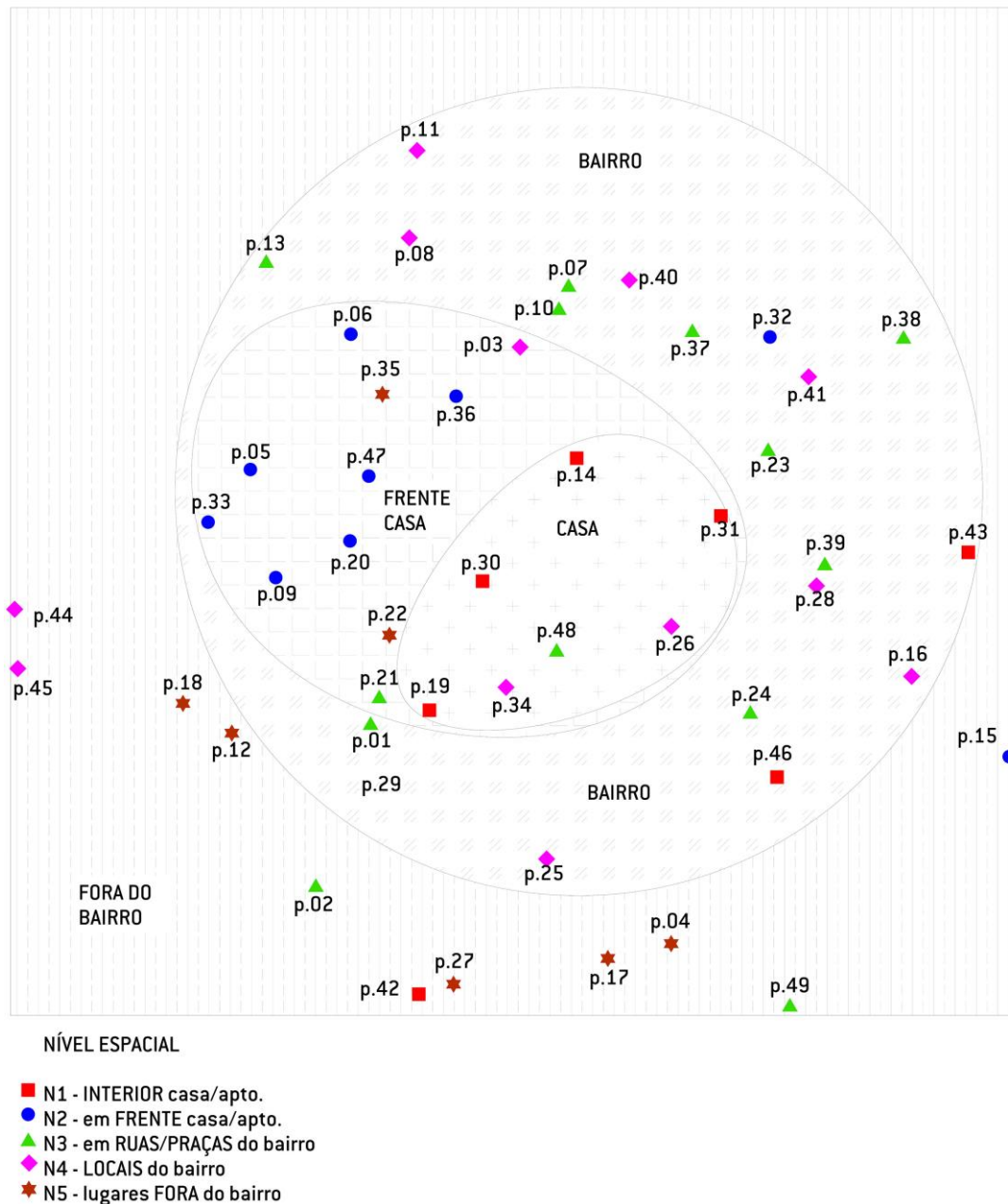


Figura 8. Projeção de SSA 3D (2-3) para Nível espacial na Vila Tamararé. Cada ponto corresponde a uma pergunta do questionário (ver quadro 1). A nuvem de pontos se encontra em 3 dimensões e se analisam suas três projeções nos eixos x,y,z. Destes se escolhe a projeção que melhor representa o resultado final, nesse caso o eixo 2-3, correspondente à projeção dos eixos y,z (fonte: autoras).

A Figura 8 representa a projeção da SSA do nível espacial na Vila Tamararé. A distribuição dos pontos indica uma hipótese regional de natureza modular na qual a casa e seu entorno imediato (em frente à casa) estão localizados no centro, seguidos pelo nível da vizinhança e, por fim, os lugares fora do bairro, identificando que existe uma hierarquia do centro para a periferia.

Discussão

A partir da análise da estrutura de similaridade na Vila Tamararé pode-se verificar que existe uma hierarquia entre as três facetas estudadas, uma vez que existem interpretações regionais qualitativas e quantitativas. A figura 9 mostra a superposição das três projeções anteriores:

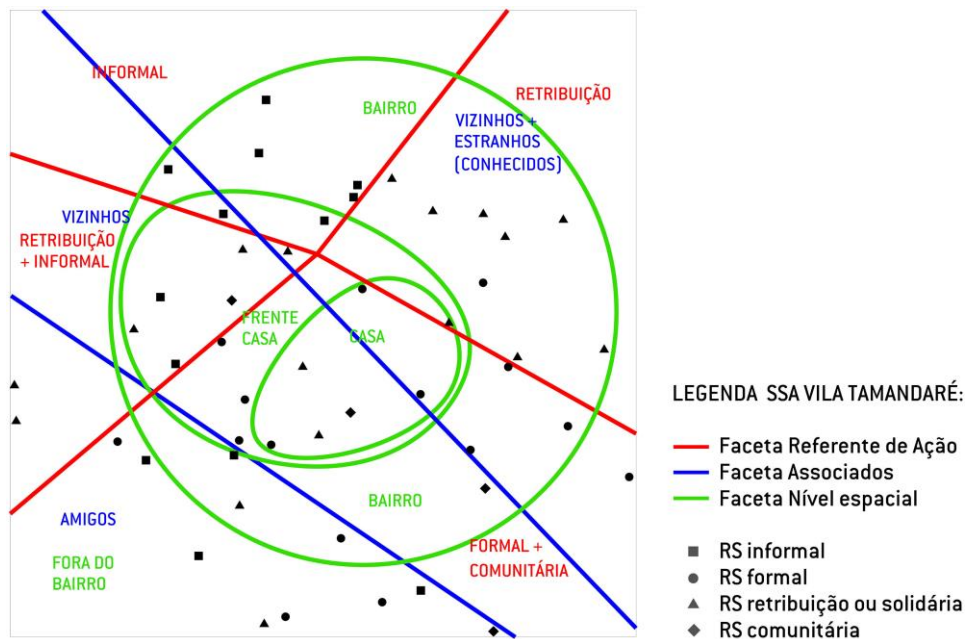


Figura 9. Superposição de todas as projeções de SSA na Vila Tamandaré (fonte: autoras).

A partir dessa superposição, podemos sugerir que o nível espacial (modular) é o que desempenha maior influência sobre os associados e o referente de ação nas relações de sociabilidade na Vila Tamandaré. Mas, como decidir se a partição modular prevalece sobre a axial se ambas sugerem uma ordem implícita? A resposta não é tão simples, mas a partir da observação do comportamento de cada faceta, podemos interpretar nosso resultado. Também temos que levar em conta que os elementos localizados no centro são os mais correlacionados entre si e, portanto, aqueles que influenciaram as demais questões.. Desta forma, e assim como também interpretam outros estudos (Monteiro, 1989) (Lopes, 2008), se a partição polar possui uma estrutura concêntrica bem definida, deve ter um peso maior que o axial.

A partir dessas considerações, podemos ver que, no caso de Vila Tamandaré, o espaço parece um fator importante para essas relações, em que a casa e seu entorno imediato são fundamentais para as relações sociais. Pode-se observar que no ambiente imediato da casa é onde se encontram a maioria das ações mais formais e comunitárias e sempre estão relacionadas aos vizinhos, enquanto a interação com os amigos geralmente ocorre fora do bairro.

A faceta dos associados também mostra um papel relevante, pois divide o referente de ação em duas grandes regiões: a primeira é formada por vizinhos e estranhos, que

determinam um conjunto de interações sociais mais distantes, tanto do tipo informal quanto do retributivo; a segunda região é formada por interações sociais e comunitárias mais informais, desenvolvidas por amigos e vizinhos-amigos.

Os efeitos da configuração espacial na sociabilidade de vizinhança

A sociabilidade urbana é um fenômeno complexo que pode ocorrer de várias formas. Neste artigo descrevemos e analisamos os diferentes perfis de sociabilidade em um bairro do Recife, assim como os perfis espaciais do local de residência.

Buscamos quais elementos do perfil espacial podem incentivar encontros e reconhecimento entre vizinhos, de modo a promover a frequência de sociabilidade de tipo informal, que, com o tempo, poderia intensificar-se e se tornar em amizade (ou relação formal).

O ponto focal desta pesquisa acaba sendo o tipo de relação informal, porque é o que pode determinar o rumo da sociabilidade urbana em um bairro e a Vila Tamandaré nos serve como um exemplo, pois possui alta frequência de relações de tipo informal.

As características espaciais (interface, integração, diversidade de usos, constituição e densidade) são aquelas que de acordo com as hipóteses iniciais estariam influenciando a frequência de sociabilidade urbana, mas nos

deparamos que, neste estudo, as relações informais são as que realmente precisam de um espaço público com a máxima vitalidade urbana possível para a sua existência.

A teoria urbana tem discutido o papel dos diferentes componentes espaciais para promover a copresença no espaço e, assim, promover a vitalidade urbana. Os componentes selecionados nesta pesquisa foram úteis para entender a sociabilidade de vizinhança. Podemos observar que a primeira hipótese, que considerava que um maior movimento de pessoas (devido a integração), uma alta variedade de uso do solo e uma alta constituição poderiam favorecer o encontro e reconhecimento entre as pessoas em um bairro foi verificada, em diferentes graus, na Vila Tamandaré.

Por outro lado, a segunda hipótese, que sugeria que a baixa permeabilidade das interfaces público-privadas estaria condicionando negativamente o nível de sociabilidade urbana, uma vez que diminuiria a experiência do usuário com a rua e, portanto, com as pessoas do espaço público, não foi verificada. Vejamos as diferenças de qualidades espaciais e sua influência nos perfis de sociabilidade:

A Vila Tamandaré é uma localidade formada principalmente por casas, ruas muito estreitas e uma alta constituição urbana. Estas qualidades, juntamente com a grande variedade de comércio na área, são favoráveis ao intercâmbio social cotidiano e ao encontro e reconhecimento das pessoas que frequentam a localidade e se refletem em dados muito positivos nos diferentes tipos de sociabilidade urbana, fato que estaria corroborando nossa primeira hipótese. Outro elemento que poderia estar estimulando a sociabilidade é que se trata de uma localidade muito pequena e globalmente segregada da cidade, o que estaria favorecendo, de certa forma, ao “efeito gueto” (Hillier, 1989). Hillier explica esse efeito ao apontar que nas ruas labirínticas os estranhos se sentem coibidos para se adentrar nas partes mais internas do lugar, maximizando assim o controle local em detrimento do controle do estranho (Holanda, 2002).

Por outro lado, encontramos um resultado interessante ao perceber que a maioria das interfaces da Vila Tamandaré são fechadas e este dado não parece influenciar ao alto nível de sociabilidade desta localidade, um

resultado que contradiz nossa hipótese inicial, ligada à teoria urbana sobre vitalidade (Saboya, Vargas e Netto, 2017). Como mencionado anteriormente, a sociabilidade urbana pode ser alcançada pela combinação de vários fatores e, justamente por isso, não podemos isolar a variável da interface para explicar este fenômeno.

O que também poderia estar explicando essa alta sociabilidade na Vila Tamandaré é o tempo de residência de seus vizinhos na localidade. Mais do 90% dos entrevistados afirmaram ter vivido lá por mais de 5 anos e muitos deles foram os primeiros moradores desde sua fundação. O tempo de permanência é um fator chave para o conhecimento dos vizinhos e, portanto, para o estabelecimento das relações sociais entre moradores. Inicialmente na Vila Tamandaré não existiam interfaces fechadas já que todas as casas tinham um jardim na frente, mas com o passar do tempo, o medo da violência urbana levou os vizinhos a levantar seus muros. Desta forma, podemos dizer que o fato de a interface ser fechada na maioria das ruas da Vila Tamandaré, não significa perda do contato dos vizinhos e seus laços sociais. Paola Jacques (2008) usa o termo “corpografia urbana”, que define como uma “memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana da própria cidade que fica inscrita, mas também configura o corpo de quem a experimenta”. Este termo pode explicar parcialmente o fato das pessoas de mais idade tenderem a socializar primordialmente no bairro, por possuir a memória urbana, enquanto os mais jovens tendem a ter um perfil mais extrovertido, ou seja, tendem a ter relações de tipo formal fora do bairro e não se importam em interagir com estranhos, já que eles não possuem essa memória.

Assim, voltando à nossa hipótese inicial, poderíamos dizer que o fato de ter interfaces fechadas não influencia o grau de sociabilidade urbana nesta localidade, porque o conjunto de variáveis espaciais: alta constituição e uma diversidade de usos, aliada a variáveis sociais: tempo de residência elevado, são suficientes para explicar o padrão intenso das relações de sociabilidade na Vila Tamandaré.

Em resumo, o que podemos concluir dos resultados encontrados nesta pesquisa é que a proximidade espacial desempenha um papel

importante para as relações sociais em lugares que têm uma alta proximidade entre as casas, uma alta constituição e uma grande diversidade de usos, o que facilita o encontro entre pessoas nos mesmos espaços, favorece o contato social e o reconhecimento de estranhos que, mesmo assim, ao longo do tempo, tornam-se conhecidos e aptos a estabelecer relações sociais de tipo formal.

O valor de acessibilidade do espaço (integração local) e a densidade populacional poderiam ser importantes, mas a amostra revelou valores médios em ambas as variáveis, o que dificulta sua correlação com níveis de sociabilidade. Também se verificou que no caso de Vila Tamandaré, o tipo de interface fechada não iria interferir na sociabilidade urbana, se as premissas acima são atendidas, mas seria interessante estudar mais profundamente esta relação em futuros trabalhos acadêmicos para avaliar o papel dessa qualidade espacial no fenômeno da sociabilidade urbana.

O que foi mostrado neste estudo é que as variáveis espaciais que poderiam ajudar a explicar a vitalidade urbana ainda não são suficientes para explicar o fenômeno da sociabilidade urbana encontrado. Os estudos de sintaxe espacial reconhecem a relação da vitalidade urbana com maiores valores de integração e, portanto, resultado do movimento e copresença no espaço público. Embora isso possa ajudar a aumentar os encontros na vizinhança, ainda não é suficiente determinar um aumento na

sociabilidade. Ressaltamos que um dos pontos mais importantes para o estudo da sociabilidade nos bairros são as relações informais, que são aquelas determinadas pelos encontros casuais e geram reconhecimento entre os vizinhos. Para estudos futuros, recomenda-se incluir no perfil espacial a variável proximidade, que seria determinada pela largura da rua, e a extensão do segmento e que poderia estar influenciando contatos visuais e proximidades positivas a sociabilidade. Por fim, este estudo nos deu a oportunidade de compreender esse fenômeno, difícil de ser observado, pois engloba diferentes relações sociais que as pessoas desenvolvem em seus locais de residência. Este tópico assume maior significado quando identificamos o quanto pouco sabemos sobre o espaço em que vivemos a maior parte do tempo, que é o local de residência.

Arquiteturas e desenhos urbanos que nos distanciam desta experiência imediata do contato social primário, afetariam o sentimento de pertencimento, a ligação, envolvimento e participação nos destinos do bairro e da cidade. Esta conexão espaço-social se reflete na qualidade de vida (física, espiritual e social) do ser humano. Precisamos de mais estudos para entendermos a importância da morfologia para cidades mais humanas, que permitam diversas expressões culturais e sociais, a fim de fomentar sociedades mais justas e felizes.

Referências

- Bulmer, M. (1986) *Neighbours: The work of Philip Abrams*. Primera ed. Cambridge, Cambridge University Press.
- Canter, D. (1983) The purposive Evaluation of Places - A Facet Approach. *Environment and Behaviour*, 15(6), 659-698.
- Cavalcanti, R. (2013) *Espaço e crime: Desvendando a lógica dos padrões espaciais de crimes urbanos no bairro de Boa Viagem, Recife-PE*. Recife: Dissertação, MDU-UFPE.
- Guttman, L. (1957) Introduction of Facet Design and Analysis. *Proceedings of the Fifth International Congress of Psychology*, Brussels. Amsterdam, North Holland Publishing Co.
- Hanson, J. (2000) Urban transformations: a history of design ideas. *Urban Design International*, 5(2), 97-122.
- Hillier, B. e Hanson, J. (1984) *The social logic of space*. Londres, Cambridge University Press.
- Hillier, B. (1989) The Architecture of the urban object. *Ekistics*, 334/335, 5-21.
- Holanda, F. (2002) *O espaço de exceção*. Brasília, UnB.
- Jacques, P., 2008. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, 093.07. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165> [Acesso em 24 Janeiro 2019].
- Legeby, A. (2013) *Patterns of co-presence: Spatial configuration and social segregation*.

- Stockholm, School of Architecture. Royal Institute of Technology (PhD Dissertation).
- Lopes, A. (2001) *Relações de vizinhança no espaço dos apartamentos*. Recife (Dissertação, MDU, UFPE): s.n.
- Lopes, A. (2008) *Condomínios residenciais: Novas faces da sociabilidade e da vivência de transgressões sociais*. Recife: Tese, MDU UFPE.
- Monteiro, C. (1989) *The experience of Place: a comparative analysis of middle class neighborhoods, public housing estates and favela in Brazil*. Oxford, University of Oxford.
- Monteiro, C. (2010) Spatial Analysis of Street Crimes. Em: Shoham, S. G.; Knepper, P.; Kett, M. (eds.) *International Handbook of criminology*. s.l.:CRC Press, pp. 619-648.
- Monteiro, C. e Cavalcanti, R. (2017) Perfis espaciais urbanos para avaliação de lugares vulneráveis ao crime. Em: Netto, V.M., Saboya, R.T., Vargas, J.C. e Carvalho, T. (eds.) *Efeitos da arquitetura: os impactos da urbanização contemporânea no Brasil*. Brasília: FRBH Edições, pp. 137-161.
- Netto, V. M. (2016) A cidade como resultado. Em: Balbim, R., Krause, C. e Linke, C. (eds.) *Cidade e movimento: Mobilidades e Interações no Desenvolvimento Urbano*. Brasília, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, pp. 101-130.
- Netto, V. M. (2016) *The social fabric of cities*. London, Routledge.
- Netto, V. M., Vargas, J. e Saboya, R. (2012) (Buscando) os efeitos sociais na morfologia arquitetônica. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, jul./dez., 4(2), pp. 261-282.
- Olagnero, M., Torrioni, P. e Saraceno, C. (2007) Patterns of sociability in the enlarged EU. Em: Alber, J., Fahey, T. e Saraceno (eds.) *Handbook of Quality of Life in the Enlarged European Union*. New York, Routledge.
- Saboya, R., Netto, V. M. e Vargas, J. (2015) Fatores morfológicos da vitalidade urbana: uma investigação sobre o tipo arquitetônico e seus efeitos. *Arquitextos*, 180.2. Disponível em <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.180/5554> [Acesso em 07 Agosto 2019].

Tradução do título, resumo e palavras-chave

Urban sociability of neighborhood. Exploring the relationships between spatial profiles and social patterns of neighborhoods

Abstract. *This research brings an approach on the spatial qualities of the city and its effect on urban sociability from an exploratory case study of a neighborhood of Recife-PE, Brazil. This city has been experiencing a high verticalization and densification of certain areas of the city, the increase of closed interfaces and little diversity of uses of the ground. Thus, we ask: To what extent can spatial configuration influence the types of encounters between individuals that lead to urban sociability? From this, the objective of this research is to identify which morphological and social parameters of a neighborhood would have correlation with a greater urban sociability. For development, the study of the emergence of a social pattern through a questionnaire on urban sociability, based on facet theory, is analyzed and the spatial qualities of the street segment where the interviewees reside are analyzed using the spatial profile methodology. This research intends to reveal how these spatial and social qualities can impact the urban sociability and, in this way, describe those morphological aspects necessary to achieve a good urban quality in the city of Recife.*

Keywords. *urban sociability, spatial profile, social pattern, neighborhood relationship.*

Editor responsável pela submissão: Vinicius M. Netto.

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

